

CONCURSO LITERÁRIO IPL

SÓ UMA MIÚDA

Não uses essa saia tão curta. Quase que se consegue ver a tua alma com essa saia vestida. Hoje abusaste do iluminador. Se te visse ao longe, dizia que eras um sinal de luz para os aviões aterrarem. Não digas palavrões. Não reclames. Não percebes nada de futebol. Não comentes política. Fica mal a uma miúda.

O ruído das opiniões dos outros é, por vezes, mais alto do que aquilo que sentimos. É mais alto do que aquilo em que acreditamos. É mais alto do que nós e do que o nosso muro de inseguranças – e que difícil é combater o nosso muro de inseguranças. *Ser miúda sempre foi difícil*, diz-me a minha avó enquanto me tira as medidas para me costurar mais um vestido que nunca vou usar. *Ser miúda, no meu tempo, era ouvir e calar. E tu, princesa, devias aprender a fazer o mesmo às vezes*. E eu, em cima do banquinho de madeira, em cima da minha impulsividade, em cima de tudo aquilo que gostava de dizer e não digo, respondo: ser miúda, no meu tempo, é desculpa para ser desvalorizada.

Desvalorizada porque “só é atriz porque é bonita”. Desvalorizada porque “se tens vinte anos e és mulher, não percebes nada de futebol, nem de política, nem de nada”. Desvalorizada porque não sou mais velha; porque não sou rapaz; porque não sou mais alta; porque não sou modelo das redes sociais; porque sou só uma miúda. O que eles não sabem é que ser só uma miúda não é uma ofensa.

Ser só uma miúda é ser-se livre de escolher o futuro que quiser. É não ter de me preocupar se hoje gosto de ler livros de Eça de Queirós e se amanhã vou ser defensora ferrenha da poesia em prosa lamechas de Nicholas Sparks. Ser só uma miúda é ter tempo: tempo de lutar pelos meus direitos; tempo de gastar o domingo a ver jogos de futebol. É ter tempo de pensar “no que quero ser quando for grande” porque com vinte anos ainda não se é assim tão crescida. Tempo de estudar e de aprender, de me divertir, de amar, de viver. De viver agora tudo aquilo que me foi prometido.

Ser “só” é ser-se tanto. É ser-se tanto que custa a caber no que gostávamos de ser. É ser-se ímpar e não se importar porque o que importa somos nós. É saber o nosso valor, mesmo quando mais ninguém o sabe. É celebrarmos as nossas conquistas da forma que

quisermos e chorarmos as nossas derrotas sem que ninguém sequer sonhe: porque, como somos só umas miúdas, ninguém se interessa assim tanto.

Então, hoje, quando me estava a olhar ao espelho e a ver, pela milésima vez, se o tamanho da saia era o adequado, olhei para baixo para a rua. Para a vizinha que não hesita antes de falar da vida dos outros e para a vizinha que ajuda toda a gente. Para a dona do café, para como se zangava com a mulher que tanto lhe deve e que nunca lhe paga e para a vizinha que está sempre a emprestar dinheiro aos outros sem o pedir de volta. Para mim, no reflexo do vidro. “*São só mulheres*”, penso. “*E tanto que são*”.

A saia é de facto curta e os meus sonhos grandes demais para uma só alma – então que a vejam e, quiçá, que partilhem dos meus sonhos. Então, saí de casa na mesma. Mesmo com a tal saia curta. Mesmo com a minha alma à mostra: não tenho medo de ser quem sou. Não tenho medo de gritar a minha opinião. Não tenho medo do ridículo porque ridículo é ter medo de ser. Ser luz. Ser mais. Ser escandalosa – escandalosamente feliz, escandalosamente realizada, escandalosamente bem com quem sou e como sou. Porque, no fim do dia, sou só uma miúda. E sonhar. E realizar. E ser. Ser. Ser eu. Ser feliz. Ser grande e pequena e ter o mundo à disposição. Ser só uma miúda. E que bom que é ser só uma miúda. E que tanto que é.

Afinal, a vida é curta demais para se ter medo e preconceitos. Afinal, o céu é igual para todos: cabe a nós decidirmos de que cor o vemos. Digo “bom dia” às vizinhas todas: apesar dos olhares escandalizados pela minha saia curta e pelas minhas opiniões controversas, já todas foram miúdas como eu.

Pseudónimo: Catherine Earnshaw